Recital
Revista de Educação,
Ciência e Tecnologia de Almenara/MG.

UMA AMIGA

A friend

Não foi por outra razão senão por amor que se iniciou uma amizade bonita e desinteressada entre nós. Eu alcançava os eventos que os quarenta anos proporcionavam, ela tinha 19 e começava a viver outra vida. A companhia nas aulas de canto se estendeu para a companhia também no bairro, porque indiquei a ela um apartamento modesto e bem situado. Voltávamos a pé para economizar moedas e prodigalizar os assuntos nascidos apenas do dia a dia que compartilhávamos. Chegávamos mesmo a comer comida doente, no fim de semana, no centro, para ampliar as discussões que estabelecíamos. Conversávamos nos intervalos, ajudávamo-nos mutuamente. Havia uma grande confluência de pensamentos, sentimentos e humor. Mesmo nas deliberações em que os posicionamentos eram desfavoráveis, mantínhamos amor nas palavras, como na discussão sobre a existência ou não de dons inatos para a música.

É claro que seu cabelo saudável, sua pele sem defeito, seus olhos novos satisfaziam muito bem a meus olhos, e aos de qualquer pessoa. Algumas vezes, por segundos que fossem, eu percebia a falta de algo no silêncio de casa. Logo me vinha que era a ausência da sua voz que eu tanto ouvia.

Ela tinha o hábito de consertar a gola de minha camisa ou de realocar mechas do meu cabelo. Apenas uma vez, tocou o meu rosto para tirar cílios desperdiçados. Aquilo me foi muito agradável. Ela chegava a me ligar, quando todos de sua idade achavam isso anacrônico demais: “Ouve minha ária e me diz o que acha? Não quero que minha voz fique mais aguda.” Tudo me era um prazer desmedido.

Não consigo, mesmo que me esforce agora, localizar o início dessa paixão que tomou meu peito. Havia um amor bastante justificável pela conformidade de desejos espirituais em nossos dias, mas cheio de empecilhos, a começar das etapas de vida bastante adversas. Uma mescla de sensações amorosas, gostosas demais, e de fratura de esperanças por um amor impossível me mexia o coração. Um bom amigo me argumentou, quase convincentemente, que diferença de idade nunca foi óbice ao amor. Mas era injusto, a meu ver, que meu amadurecimento provocasse uma alteração irreparável na ordem natural das vivências dela. E, além de todas as coisas e sobre tudo, eu não tinha certeza dos sentimentos dela por mim.

O fato máximo a mim foi uma despedida desajeitada e apressada em que, não sei se conscientemente, os cantos de nossos lábios se tocaram por segundos incompletos. O que me veio à mente foram todas as cenas nas quais os personagens se viam, de súbito, rodeados de outro mundo mentiroso porque algo inimaginável maravilhosamente aconteceu. Minha condição de homem de vivências me impediu de referir esse evento amoroso em qualquer uma de nossas conversas. Sua condição de menina a proibiu de tomar a iniciativa de comentar comigo.

Quando mencionei, informalmente, que meu filho viria me visitar, ela avolumou os olhos lindos me perguntando por que eu nunca havia dito que era pai. Eu não soube explicar meu insucesso na missão paterna.

Depois de poucos dias, marcamos uma conversa a três. Tudo aconteceu como pude imaginar. Não se tratava de uma compensação de minhas falhas de uma vida. Ele não me dizia inadimplente, e eu não o via cobrador.

As idades eram próximas, os sorrisos foram fartos, as almas saciadas. Ela até cantou uma música que ele amava muito. Ali a paixão se instalou inexoravelmente. Eu assistia a tudo e quase nada falava. Aprendi a conter em mim, não sem sofrimento, um amor que me visitava em constância. Concentrei-me na alegria de que meu filho tinha a melhor mulher que já conheci.

Olden HUGO
olden.farias@ifnmg.edu.br

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 1, n. 1, mai/ago 2019.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital